

Filosofia e Sabedoria¹

Aproximando-se o 30º aniversário da morte de Josef Pieper (1904-1997) – consagrado filósofo alemão, que tanto colaborou com nossa editora – apresentamos, em sua homenagem, este seu breve discurso. Em nosso site, encontram-se três páginas tematicamente dedicadas a artigos de e sobre JP: www.hottopos.com/isle50/index.htm / www.hottopos.com/convenit47/index.htm / <http://www.hottopos.com/convenit48/index.htm>

Josef Pieper

Nos dias de hoje, em que a sentença de Hegel sobre a Filosofia, como “compreensão do absoluto” foi totalmente abolida, tornando-se por isso impensável, e em que por outro lado está sempre mais atuante a tentação de uma resignação agnóstica, pretendendo fazer valer o empirismo científico e “exato” como única possibilidade do conhecimento humano, há uma necessidade vital de se recuperar e manter viva uma visão - talvez desde sempre - ameaçada de esquecimento. Uma visão que exclui igualmente a *hybris* (soberba) e a resignação. Refiro-me ao significado da palavra Filosofia - tomada no seu sentido original por Platão e dificilmente localizável no tempo - que diz: ninguém é sábio senão Deus, mas o homem pode procurar amorosamente essa sabedoria e alcançar a verdade, portanto, ser *philosophos*. Quem pensa no significado último do ato de filosofar, praticado em sua seriedade existencial, não pode evitar falar da sabedoria divina — e ao mesmo tempo, se é cristão pensar que essa sabedoria não é um “atributo” de Deus, mas que Ele mesmo, pelo seu próprio ser, é essa sabedoria. Com isso, de forma súbita e talvez inesperada, o conceito de “Filosofia” ganha um novo significado. Entretanto, essa “novidade” não vem afirmar que o filosofar se move sobre a base da Teologia. Seu olhar permanece ainda e sempre focalizado na experiência da realidade com que nos defrontamos - obviamente naquela postura que os gregos chamaram de *theoria*, um contemplar o mundo com uma única intenção: a verdade, constituída da realidade, que se mostra, na medida do possível, como ela é. *Theoria* significa uma atitude livre da prática orientada ao “para quê”, em que não se percebe nem um sopro daquela intenção proclamada por Descartes de tornar o homem pelo conhecimento “senhor e proprietário da natureza” (*maître et possesseur de la nature*).

Com razão já se disse que uma observação, nesse sentido “teorética” da realidade, só pode ser executada pelo homem que compreende o mundo como criação. Esse elemento de reverência e afirmação, que abriga em si o conseqüente conceito de “teorético”, espantosamente parece ter sido captado pelos romanos, quando traduziram o termo grego *theoria* pela palavra latina *contemplatio*. Contemplação significa assim (o que talvez apenas se tornou inteiramente claro em seu sentido cristão): um olhar

¹. (Tradução de Dora Incontri. *Philosophie und Weisheit*, é um resumo do discurso ao receber o doutorado *honoriscausa* da *Catholic University of America* - Washington)

amoroso, o olhar algo que se ama. O amor descortina aí uma nova possibilidade ao conhecimento. Como dizia um místico esquecido, aliás com uma concisão insuperável: “*ubi amor, ibi oculus*”, onde está o amor, aí se abre um olho. Pela afirmação amorosa, forma-se uma possibilidade de conhecimento, até então nunca percebida - uma concepção que parece nos abrir ao pensamento um caminho para o infinito.

Algo semelhante sucede se tentarmos interpretar mais precisamente uma expressão popular, cujo sentido se mostra tão difícil de traduzir, mas que se relaciona igualmente ao nexos existente entre amar e olhar. Todo mundo sabe o que significa dizer de jovens pais: que eles nunca estão suficientemente satisfeitos em olhar a criança recém-nascida. “Não se cansam se olhar” (em alemão: “*Sich nicht satt sehen können*”). Com isso, exprime-se por um lado o extremo encantamento, por outra uma negação - a de que o olhar permanece insaciável, o desejo do amor, intranquilo. Essa curiosa expressão afirma assim ambas as coisas ao mesmo tempo. A questão é a de que (mesmo que não tenhamos consciência disso) todo desejo amoroso de olhar, no fundo, talvez tenha em mira algo que está além do visível.

Sobre isso o poeta Konrad Weiß, aprofundando mais a questão, lavrou esta sentença surpreendente, provocante, onde se relaciona a aparente contradição da contemplação. A sentença é a seguinte: “A contemplação não se aquieta até que ela ache o objeto do seu ofuscamento”. Isso quer dizer: a busca amorosa da sabedoria - que é o próprio Deus - só encontra paz quando a luz se faz ao seu olhar - uma luz que, ao mesmo tempo, ofusca e faz feliz.

Recebido para publicação em 22-05-25; aceito em 24-06-25